

# O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria — B. Vicente Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por triunestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as províncias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Cajueiros n.º 266 sobrado.

## ESPELHO

**ADVERTENCIA.** — Não podendo sustentar-se as empeezas jornalisticas sem a protecção e pontualidade no pagamento das assignaturas das pessoas que se dignam contribuir para a florescencia delles, pedimos respeitosamente a todas aquellas que tem recebido e continuam a receber o nosso Semanario, que se dignem de mandar saistazier suas assignaturas, para nos pouparmos ao desgosto de suspender, indistintamente, a entrega e remessa do nosso « Domingo ».

**O Sr. Dr. Elias F. Pacheco Jordão.** — É o primeiro da pleiae dos mocos distinguidos da província de S. Paulo actualmente na Grande União, que volta à terra natal, tendo obtido a palma de seus nobres esforços na carreira das letras.

O Sr. Dr. Elias Jordão foi um dos mais distintos alunos do curso de engenharia da Universidade de Cornell, onde ficam concluindo seus estudos outros brasileiros que alli ilustram a patria.

Saudamos o nosso jovem e ilustrado patrício, cujos conhecimentos serão por sem duvida aproveitados entre nós.

**Parahytinga.** — É este o titulo de um Jornal litterario, industrial e noticioso, cuja publicação foi encetada em S. Luiz do Parahytinga.

É digna de ovacões dos espíritos progressistas a propensão que se vai revelando nestes ultimos tempos pela luta sagrada da imprensa.

Como expressão de sympathia pelos redactores deste novo organo do jornalismo brasileiro, apertamos-lhes as mãos, e os comprimentamos.

**O Mephistopheles.** — Continuamos a ser mimoseada com este organo da imprensa humorística da Corte, o qual de dia a dia vai ganhando novos direitos à estima do ilustrado público.

## O DOMINGO

Rio, 27 de Setembro de 1874.

### A Igúorancia

Da estupidez e igúorancia nasce a imoralidade, o orgulho, a corrupção, a indolêncie e a rapacidade.

A planta, que brota de um solo asperrimo e estéril,

jamais progride, jamais florece; assim o povo, que não surge das ondas de luz de uma civilisação robusta, vem afectado das enfermidades moraes mais repugnantes.

E assim como a planta, é o homem, a planta quer a seiva da terra, o homem quer a seiva da sciencia.

Paes ignorantes, o que podem elles transmitir a seus filhos? que sciencia podem ensinar-lhes? que moralidade podem inculcar-lhes nos amiguinhos?

A escola de um paiz é o paiz em miniatura; e a ignorância de um povo é o espelho desse povo.

As luzes, diz Tocqueville, são as únicas garantias contra os excessos da multidão.

Royer Collard tambem disse: — Se falta a educação, a instrução é elemento de ruina. A educação só por si ensina verdadeiramente o dever convertendo-o em prática.

O homem civilizado faz no selvagem a caridade de conduzil-o pela mão no caminho da civilisação.

E quando o progresso em seu curso de raio, derrocando os velhos preconceitos, as idéas caducas, fizer compreender que a instrução é alimento tão necessário ao espírito, quanto é para o corpo o pão quotidiano, a ignorância desaparecerá.

Ao sopro animador da instrução resurge o passado de sob a poeira dos séculos, caminha com passo firme o presente, e como a agonia implume, ensia o vđo futuro.

A voz solemne da instrução ergue-se o lazaro da ignorância, e parte em demanda da verdade.

As alavancas da instrução faz levantar os Lycurgos e os Salões.

Que porvir pode oferecer á posteridade um paiz, onde mal se cultivam as letras, e calça-se aos pés as artes e a industria, que são os fructos da instrução?

Creamos na marcha de nossa patria, e cremos com a

convicção dos que só creem: cremos, porque o vapor já enfumaça até as mattas; cremos, porque o telegrapho dissipou as distâncias e animou o commercio; cremos, porque elles deram vida à industria; e a agricultura e o commercio mantém a vida e a educação de um povo

## NOTAS DE INTERESSE GERAL

A capellinha da Lampadoza foi construída por provisão de 20 de Dezembro de 1747.

Foi nesta igreja que há mais de 80 annos compareceu Joaquim José da Silva Xavier, o Tira-Dentes, de alva e capuz, para adorar a Eucaristia antes de subir ao patíbulo.

§

A Caixa Económica e Monte do Soccorro foram criados pelo decreto de 12 de Janeiro de 1861.

§

Sepultou-se em Paris no dia 25 de Agosto Frédéric Morin.

O sahimento deste grande cidadão foi de 5 a 6 mil pessoas, entre as quais as mais notáveis, muitos representantes da imprensa francesa, e grande numero de operários, muitos das quais com suas mulheres e filhos, antigos alunos da instituição Delacourt, onde o finado exercera o professor.

Junto ao seu tumulo, no cemiterio do Père-Lachaise, M. Garnier-Pagés, em uma allocução calorosa, traçou rapidamente a brillante carreira de Frédéric Morin. Recordou a recusa de juramento, que interrompeu a carreira de professor, e a sua corajosa resistência a um regimen que o orador qualificou de brutal e ao mesmo tempo corruptor. Depois de descrever a laboriosa carreira litteraria e poli-

tica de Frédéric Morin, o orador chegou ao periodo da defesa nacional, e esforçou-se por vingar em um vigoroso improviso os homens que, como Frédéric Morin, estragaram sua saúde, gastaram suas forças, renunciaram a todo repouso, para trabalharem na salvação do ... e ... m. perío, e que recolheram entretanto, como recompensa, zombarias estúpidas e cobardes calumnias. Disse ainda M. Garnier-Pagés algumas palavras em nome dos amigos que Morin tinha em Lyon, e que não podiam ser previnidos a tempo, e terminou com um appello generoso à união de todos aquelles que querem assegurar o desaparecimento do despotismo, e o futuro da França e da República.

§

O organismo de educação da Inglaterra é assaz ricamente dotado; enquanto em 1870 recebia do parlamento 23 milhões de francos, elle tem visto as subvenções do Estado elevadas a 36 milhões em 1871: a 38, em 1872; a 39 em 1873. Estas sommas são gastas pelo Estado; elles não se confundem com as subvenções das municipalidades, nem com as das parochias e dos particulares.

§

Em Turim, além do Hospital de S. Luiz, consagrado especialmente à maternidade e orphandade encontra-se hospício da infância abandonada, onde são recebidas as crianças abandonadas nas prácias públicas, que tenham mais de três annos de idade e nascidas na província do Píemonte, n'elle existindo também uma roda. Pode conter cerca de 6,000 crianças, que ahi recebem, além dos cuidados físicos uma educação litteraria e artística.

§

Numa lapida que fica sobre o portão da entrada do cemiterio da egreja da Senhora da Lapa, no Porto, lê-se os seguintes bellos versos:

« Eis ossos carcomidos, cinzas frias  
Em que param da vida os breves dias ;

## FOLHETIM

### O ASYLO DOS INVALIDOS

por AXILIO MARCOS DE SAINT'BLAIRE

#### CAPITULO III

VISITA DE NAPOLEÃO AO ASYLO DOS INVALIDOS

Continuação do n.º 44.

— Sim, interrompeu o centenario, justamente no anno que S. Magestade Luiz XIV morreu.

Nesse instante chegaram à entrada de uma galeria iluminada por um reverbero que pouca luz dava.

— Então, nada de descobrires Cypriano? perguntou o velho ao filho.

— Não, meu pai, aposto que ele pediu licença para sair fóra sem nol-o participar.

— Ora vamos; disse Napoleão ao centenario, queréis que eu faça as vezes do Sr. Cypriano? Vosso filho é en, os ajudaremos a subir. O vento refresca, e na vossa idade não é bom montar guarda no ralento.

— Meu coronel, disse Mauricio, querendo tirar o braço que Napoleão estreitava...

— Meu pai, já que o coronel quer ter tanta bondade, aprovai-vos d'ella.

O centenario deixou-se conduzir pelo Imperador, quando Jeronymo exclamou:

— Eil-o finalmente.

— Cypriano? perguntou Mauricio.

— Sim, meu pai, respondeu Jeronymo.

— Não ralhes com elle, disse Mauricio entre dentes; esta falta não será repetida.

— Eu sei o que devo fazer, porque elle é um incorrigível.

— E onde está o vosso Cypriano? perguntou Napoleão a Jeronymo.

— Eil-o que chega, meu coronel.

O Imperador olhou com curiosidade para todos os lados e só viu ao longe um invalido com o queixo de prata que luzia ao luar, e que se aproximava com a presteza que lhe permitiam as suas duas pernas de pau. Era este o libertino sobre quem pezavam as recriminações paternas das duas gerações.

O invalido n.º 3 podia ter seus sessenta annos. Além do queixo posto, tinha um olho de vidro, mas um olho de vidro n'um invalido era entao o *nec plus ultra* do galanteio. Era alto, bem construído, e andava de vagar mas perfeitamente direito, sem mesmo o auxilio nem de uma bengala, e com as mãos nos bolços.

(Continua.)

Mortal, se quanto vés te não abala,  
Ouve tremenda voz que assim te falla:  
— Lembra-te, homem, que és pô e que d'est'arte  
Em pô ou cedo ou tarde has de tornar-te. — »

## PARTE RECREATIVA

### Apanhados

Um vilão, tendo a mulher perigosamente doente, chamou o medico e disse-lhe:

— Sr. doutor, eu tenho vinte mil reis de meu: quer o sr. doutor mate quer cure minha mulher, pago-lhe com aquella quantia.

A mulher morreu, e o medico reclamou o preço do seu trabalho.

Então o viuvo, antes de pagar, perguntou:

V. S. matou minha mulher?

— Não, homem, não; que barbaridade!

— Curou-a?

— Desgracadamente, não.

— Pois então, contracto é lei: eu disse que pagava quer a matasse, quer a curasse. O Sr. doutor confessa que não a curou, e que não matou, portanto estamos quites.

§

Indo um sujeito, que pretendia passar por muito engracado, ver certo convento, e tendo dito mil graças pesadas ao religioso que o acompanhava acabou com esta quando se despedia d'elle à porta.

— Ora diga-me Vossa Reverendíssima, por aqui é que entram as moças?

— Não senhor, respondeu o frade, por aqui sahem as bestas.

§

Perguntou um sujeito a uma senhora por vel-a de luto.

— Porque está de luto, minha senhora?

— Por um parente remoto.

— Primo ou tio?

— Não senhor, meu marido.

— Seu marido? E diz que é um parente remoto?

— Sim, senhor. Estava na Chiua.

§

— «Perdoae-lhes porque elles não sabem o que fazem» — foi o texto que escolheu o pregador Chamfort no casamento do senhor d'Aubigues, jovem de setenta anos, com uma menina de dezessete.

§

Estava-se á mesa.

Fallava-se ao acaso: discutia-se e apostrofava-se, sem saber o quê nem o porquê! Quando se falla muito, é perneta exprimir pouco; quando se falla pouco, é exprimir muito por isso, talvez, estavam todos a fallar... muito.

— Precisamos Kirsch! Kirsch-wasser é licor dos licores disse alguém.

— Mando-o já buscar! respondeu o dono da casa E, chamando o criado:

— Rapaz! disse: n'um pulo ao café Hoffmann, rua do Alecrim. Uma garrafa de Kirsch, em menos tempo do que se levaria a tirar-lhe a rolha!

— O criado voltou costas, e o dono da casa encetou o seu elogio.

— Isto não é um criado, é um amigo! Não é um amigo, é um milagre! Não é mesmo um milagre, é um sonho! A serpente tem menos agilidade na sua dupla lingua, do que elle nos seus dous pés! Não anda, corre! Não corre, vôle! Não vôle, chega! Por isso tanto é já o habito em que estou da sua ligeireza de relâmpago, que sei calcular-lhe os periodos da mais incerta jornada! Agora, por exemplo querem os meus amigos observar com que exactidão, com que veia de astronomo, com que calculo mathematico puro, eu vou acompanhá-lo in mente, até ao instante de voltar?

— Vejamos! exclamaram todos.

— Estamos na rua Formosa: o criado já saiu; sobe o Calhariz... Chega ao Loreto... Desce a rua do Alecrim... Está perto já da loja... Entrou! Pede o Kirsh... Daolh'o... Espera pelo trôco da libra... Que demora involuntaria! Sahe... Chega ao Loreto... Desce o Calhariz... Está na rua Formosa... Sobe a escada... Deve estar à porta... José?

— Senhor meu amo! respondeu o criado.

— Vêem? exclamou o dono da casa, rubro de jubilo e de gloria! Vêem como calculei, como adivinhei, como o acompanhei passo a passo!

— Admirável! Maravilhoso! Único! gritaram os convivas em extase!

O criado não aparecia,

— Então rapaz! bradou de novo o dono da casa.

— Estou quasi prompto, senhor meu amo! Esteu a calçar as botas... para ir.

§

Mme. Stael frequentava a casa de Mme. Récamier.

Um dia em que ambas se achavam sentadas em um canapé, e que entre ambas ficara um lugar vazio, que nenhum dos assistentes se atrevia a ocupar, um alto personagem da corte de Napoleão, aproveitando-se desta circunstância para se vingar de uma indiferença que contrariava seus projectos de sedução, foi sentar-se entre essas duas senhoras, dizendo com uma causticidade estudada «Cumpre confessar que não se pode estar melhor do que entre o espírito e a belleza». Senhor duque, replicou Mme. de Stael, com um sorriso encantador afectando grande admiração, é a primeira vez que onço diz que sou bella.

Pronunciado esta engenhosa resposta, lançou sobre Mme. Récamier o mais expressivo olhar e esta feliz canaisação, repetida nos círculos de Paris, fechou a boca de todos os detractores da melhor das mulheres.

### Amor e o odio

Estes dois afectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou decompõem, elles os que fazem ou aniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando as eu arbitrio a cõr e figura, a medida, e ainda o mesmo o ser e substancia, sem outra distinção ou juizo que o recer ou amar. Se os

olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cisne é negro; se com amor, o demônio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeeu.

P. ANTONIO VIEIRA.

### Pensamentos

São bellas e magnificas as conquistas do homem. São grandiosas e sublimes essas escadas lançadas por mão de gigantes em direcção aos cémos de Deus: são prodigiosas as montanhas sotopostas às montanhas com que os novos trophyus tentam escalar o céu e aproximar-se do grande centro da luz! Que montanha? Não é sobre o pincar do Chimborazo a base do Hymgliaia, o Etno sobre o asso, o asso sobre o Pelion: é idéa sobre idéa.—*Br. Luiz Delfino dos Santos.*

O veo da decencia é o mais bello ornato da belleza.—*Mme. de Flaméran.*

Os benefícios mais gratos a receber são aquelles que o coração pôde pagar.—*Marquesa de Duras.*

A amizade é a unica paixão que a idade não amortece.—*Mme. du Deffant.*

A vaidade perde mais mulheres que o amor.—*Mme. de Lambert.*

No acto do casamento, começa o reinado do homem, e acaba o da mulher.—*Mme. de Montier.*

O infotunio é o cadiño da sabedoria.—*Mme. Dussillet.*

Os prazeres do espirito são remedio contra as chagas do coração.—*Mme. de Stael.*

### Amor de Creança

Era um amôr de creança...  
E que puro amôr não era!  
Não tem a terra mais flores,  
Na donosa primavera,  
Do que esperanças eu tive  
N'esse amôr que já não vive!

Era uma sombra bendicta,  
A que esta alma adormecia.  
Vejada por mil anjinhos...  
Nem nos céus a noite fria  
Põe mais astros do que sonhos  
Embalavam-me risinhos!

Ella era um anjo calido  
Lá da morada de Deus...  
Inda por isso trazia  
Nos olhos a cor dos céus...  
E quem podia escuta-la  
Dos anjos ouvia a falla!

As flores fallavam d'ella  
Nas conversas do jardim...  
E por ella as borboletas  
Tinham ciumes de mim...  
E eu vivia de esperança  
N'aquelle amôr de creança.

Ella beijava-me a fronte  
E com os olhos me affagava  
E com as brancas mãos de nove...  
Feu, em troca, lhe dava  
O que só crengas dão:  
— As flores do coração.

Mas era tudo no mundo  
Onde não dura a esperança...  
E o mundo em breve levou-me  
Aquelle amôr de creança...  
E nunca mais sonharei  
Os sonhos, que então sonhei!

LUCIO DE MENDONÇA

### Charadas

Se mudares o accento	2
No diluvio eu fui salvo,	1
Da musica faço parte	1
Em artigo sou achado	1

#### CONCERTO

Este nome é de um anjo  
Que na terra não tem par,  
Por seu porte elegante  
Sabe a todos conquistar.

J. DE B.

Preposicão portugueza	1
Sacrificio na religião	2
De mar semelhança	2
O mais fiel é ladrão	

Olha à direita e esquerda	
D'un batalhão me verás.	2
Alcunha d'homem abastado,	
Nao te posso dizer mais.	2
O meu tolo é nome d'homem,	
Posto seja muito raro;	
Nao adivinhas ainda?	
Nao te posso ser mais claro.	

A decifração das charadas do n.º 43 é: a 1º, MARAMBAIA e a 2º, REDE; e as do ultimo n.º é: a 1º, FAVORECIDO, a 2º, Apollo e a 3º, BRIGUE-BARCA.

Typ. da — Lyra de Apollo — rua da Alfandega n.º 183.